



AS CRIATURAS DE **Mary Shelley**

O CCBB Rio **completa 37 anos e celebra com uma ocupação** dedicada a Frankenstein: o **Coletivo Gompa apresenta “Frankenstein” e “Frankinh@”, versão para crianças.** Dirigidos por Camila Bauer, os dois espetáculos recontam o clássico de Mary Shelley — **um com a criatura como mulher que recusa seu criador, outro com um Victor adolescente que cria um monstrinho de pedacinhos.** Página 2

A hora do monstro (e do monstrinho)

Vilmar Carvalho/Divulgação

Coletivo Gompa ocupa CCBB Rio com duas montagens de Camila Bauer inspiradas na obra de Mary Shelley: 'Frankenstein' e 'Frankinh@', versão para crianças



'Frankenstein' mescla teatro, dança e artes visuais com trilha sonora original composta para o espetáculo

inaugurado em outubro de 1989, o CCBB Rio completa 37 anos e escolheu comemorar com uma ocupação inteira dedicada à criatura de Mary Shelley. O projeto "Gompa no CCBB Rio — Ocupação Frankenstein para Todas as Idades" leva ao centro cultural dois espetáculos do coletivo encenados por Camila Bauer, vencedora do Prêmio Shell de melhor direção em 2025 por "Instinto".

A montagem para adultos, "Frankenstein", fica em cartaz até 15 de novembro. Mesclando teatro, dança, artes visuais e trilha sonora original, o espetáculo reinventa a primeira obra de ficção científica da história com uma inversão: o ser gerado por Victor Frankenstein é uma mulher que não consegue e não quer se adaptar aos desejos do homem que a criou. A trajetória desse ser composto de partes de outros seres é apresentada como metáfora da constituição brasileira — e latino-americana —, traçada nos corpos dos bailarinos Fabiane Severo e Alexsander Vidaleti, com perspectiva decolonial.

"Estamos muito felizes de voltar ao Rio de Janeiro, esta cidade que nos recebeu tão bem. O público carioca é aberto, gosta de conhecer outros grupos, outras linguagens. Tenho certeza que vai ser uma temporada linda. O CCBB é um espaço muito especial e acolhedor. Vai ser um momento de compartilhar as vivências do Coletivo Gompa e de crescermos com a cena local", comemora Bauer.



'Frankinh@' aborda solidão, bullying, amizade e aceitação

A diretora explica que os dois espetáculos nasceram das mesmas perguntas, em registros distintos. "Eu sempre gostei muito desta obra, de como ela revela nossa incompletude, nossa dificuldade de lidar com as perdas e nosso desejo de driblar a morte. Fiquei pensando como seria falar disso com as crianças, falar sobre a solidão, sobre a tristeza, mas também sobre a invenção, a criação de mundos mágicos, de universos mais acolhedores, de pessoas mais empáticas em um contexto de bullying

crescente", afirma.

"Já para os adultos, quis usar a obra como uma metáfora desta América Latina, deste corpo latino-americano que se constrói a partir de outros corpos, de processos de colonização e tentativas de apagamento dos povos negros e indígenas. Quem somos nós, em meio a esta colcha de retalhos que é a própria humanidade? E como decolonizamos nosso pensamento?", questiona.

"Frankenstein" tem dramaturgia de Bauer em parceria com

Pedro Bertoldi e colaboração de Carina Corá, direção coreográfica de Carlota Albuquerque e narração de Sandra Dani e Elcio Rossini. "Frankinh@", com dramaturgia de Bauer e Marco Catalão, conta a história de um Victor Frankenstein jovem, esquisito e solitário que, quase sem querer, cria alguém para lhe fazer companhia. A criatura, porém, não sai como ele queria — e cabe aos dois descobrir que a diferença é bela e divertida. A peça, que aborda solidão, bullying, amizade e aceitação das diferenças com recursos de ciências e ilusionismo, tem no elenco Fabiane Severo, Liane Venturella e Thiago Ruffoni, e segue até 15 de novembro.

Professora de dramaturgia da UFRGS, doutora pela Universidade de Sevilla e pela Universidade Livre de Bruxelas, Bauer soma o troféu Tibicuera de direção e espetáculo por "Chapeuzinho Vermelho" e o prêmio Braskem em Cena por "Estremeço". À frente do Coletivo Gompa desde 2014, ela produz com o grupo espetáculos como "Margem Oculta", "Olga", "Derrota", "Amazônia" e "Meretrizes", além de cinco obras audiovisuais.

A ocupação vai além dos dois espetáculos e terá seis oficinas gratuitas no Teatro II: "Dramaturgia da Máscara", com Liane Venturella, de 21 a 23 de outubro; "Dramaturgias do Corpo", com Letícia Paranhos, em 28 e 29 de outubro; "Histórias de Arrepiar", com

Pedro Bertoldi, em 31 de outubro, para adolescentes; "Era uma Vez... Criações Assombradas", também com Bertoldi, em 1º de novembro, para crianças; "Danças Urbanas para Crianças", com Thiago Ruffoni, em 7 de novembro; e "Dramaturgias Híbridas", com a própria Bauer, em 12 de novembro. No dia 23 de outubro, às 18h, figuras mascaradas criadas na oficina de máscaras atravessam os corredores do CCBB na intervenção "Aparições", gratuita e sem retirada de ingressos.

Mary Shelley tinha 18 anos quando começou a escrever o romance que fundou a ficção científica. Dois séculos depois, sua criatura não cabe mais num corpo só. É a mulher que recusa seu criador e o monstrinho que ensina uma criança a aceitar o que não saiu como planejado — afinal, quase nada sai como a gente deseja.

SERVIÇO

FRANKENSTEIN

Até 15/11, Quarta a sábado e segundas (19h) e domingos (18h)

FRANKINH@ — UMA HISTÓRIA EM PEDACINHOS

Até 15/11, sábados (15h) e domingos (11h e 16h), às 11h e 16h.

CCBB Rio (Rua Primeiro de Março, 66)

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Uma elegia para Darcy Ribeiro

AFFONSO NUNES

Quinze anos depois de transformar Lisboa em ponto de encontro para músicos das duas margens do Atlântico, a Rua das Pretas chega pela primeira vez ao Circo Voador. Nesta quinta-feira (15), o coletivo idealizado pelo cantor e compositor Pierre Aderne lança o álbum “Povo Brasileiro”, projeto inspirado no livro homônimo de Darcy Ribeiro e construído como travessia entre referências brasileiras, portuguesas e africanas.

A Rua das Pretas nasceu com a vocação do convívio e da criação livre e espontânea. Na diáspora portuguesa, Aderne reuniu artistas em casas, rodas e palcos, aproximando compositores e intérpretes do Brasil, de Portugal, de Cabo Verde e de Angola. O coletivo ocupou endereços como o Coliseu dos Recreios e fez do encontro a razão de sua arte.

“Povo Brasileiro” parte das

Coletivo Rua das Pretas lança nesta quinta no Circo Voador o álbum ‘Povo Brasileiro’, inspirado no livro homônimo do antropólogo



Nascido em Lisboa, o coletivo Rua das Pretas reúne músicos brasileiros, portugueses e africanos

investigações de Darcy sobre a formação do país, mas o trabalho não traz teses travestidas de canções. São sambas, fados, mornas, ijexás, cantos de capoeira, pontos de umbanda e candomblé e outros ritmos afrobrasileiros. A maior parte das faixas é assinada por Aderne e Moacyr Luz; Kiko Horta divide a coprodução e responde pelos arranjos.

No palco, Aderne se junta a Nilson Dourado, Jenifer Solidade, Ana Margarida Prado, Letícia Malvares, Jurema de Candia e Carlinhos 7 Cordas, entre outros nomes da Orquestra Rua das Pretas. A noite terá participações de Fernanda Abreu, Moacyr Luz, Pedro Luís, Moyseis Marques, Mu Carvalho e Paulinho Moska — nomes de uma rede costurada desde os primeiros encontros do coletivo. A abertura fica com a cantora e compositora Natasha Llerena, que apresenta o show-manifesto “Cantar à Terra”; nos intervalos, a DJ Yasmin Lisboa percorre Brazilian boogie, house e disco music.

SERVIÇO
RUA DAS PRETAS - POVO BRASILEIRO
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
15/10, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia ou ingresso solidário, com 1 kg de alimento não perecível)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Dois talentos revisitam a obra de Garoto

O violonista Marcel Powell e o bandolinista Daniel Migliavacca apresentam no Manouche, nesta quinta (15), às 21h, o EP “Garoto”, gravado ao vivo no Teatro Paol, em Curitiba. O duo revisita “Lamentos do Morro”, “Duas Contas”, “Gente Humilde”, “Jorge do Fusa” e “Vamos Acabar com o Baile”. Marcel assume “Gente Humilde” em solo, e Daniel, “Jorge do Fusa”. R\$ 140 e R\$ 70 (solidário ou meia).



Pietá volta aos palcos após pausa de 1 ano

Depois de um ano longe dos palcos, o trio Pietá — Fred Demarca, Juliana Linhares e Rafael Lorga — retoma as apresentações nesta quinta (15), às 19h, no Quintas no BNDES. O show “Nasci no Brasil” celebra mais de uma década de percurso do grupo e leva ao palco canções do álbum homônimo, lançado em 2024, entre inéditas e regravações como “Temquitê”, “Cantoria do Acará” e “Perfume de Araçá”. Grátis.



Daíra retoma o repertório do bardo Belchior

Daíra volta ao Dolores Club nesta quinta (15), às 20h30, para celebrar uma década de “Daíra Canta Belchior – Amar e Mudar as Coisas”. Criado em 2016, o espetáculo ganha formato de voz e violão e percorre “Alucinação”, “Como Nossos Pais” e “Sujeito de Sorte”. O projeto rendeu um álbum homônimo, gravado para o selo Porangareté com direção artística de Rodrigo Garcia. R\$ 80 e R\$ 40 (meia).



Henrique Band no Festival Moacir Santos

O saxofonista, compositor e arranjador Henrique Band apresenta “Moacir 360º” nesta quinta (15), às 19h, na Casa do Choro, dentro do Festival Moacir Santos. O repertório aproxima os dois discos do músico, “Caleidoscópio” e “Estereoscópio”, de faixas do projeto “Omelete Ancestral”, e homenageia Moacir em “Moa Moa”. Baião, afrobeat, jazz, tango e música árabe atravessam o show. R\$ 88 e R\$ 44 (meia).



Mais (e melhores) cores para a Pauliceia



Confira nossa seleção com as melhores dicas cinéfilas da 50ª edição da Mostra de SP

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Terminado o Festival do Rio, com a vitória do thriller pernambucano “A Margem do Rio”, a temporada anual das maratonas brasileiras com o melhor do cinema internacional vai ferver agora noutra latitude, a paulistana, com a chegada do diretor americano James Gray e seu “Tigre de Papel” (“Paper Tiger”) ao Brasil.

Autor da ilustração usada no cartaz, ele é uma das sensações da 50ª edição da Mostra de São Paulo, que se desenha sob a fina curadoria de Renata de Almeida. Além de projetar o novo filme de Kleber Mendonça Filho, o curta “Sul de Teerã” (sobre o diretor iraniano Jafar Panahi), a festa cinéfila da Pauliceia acolhe o produtor português Paulo Branco (de “Cosmópolis”), que receberá o Prêmio Leon Cakoff, pelo conjunto de sua obra.

Estão no radar de Renata produções como “Minotauro”, de Andrey Zvyagintsev, que venceu o Grande Prêmio do Júri de Cannes e denuncia a decadência da Rússia de Putin a partir de uma história de desamor. Muito badalado também é “Woman Unknown” (“Kvinde Ukendt”), da dinamarquesa de origem egípcia May el-Toukhy, ganhador do Leão de Ouro de Veneza.



Le Pays D'Arto



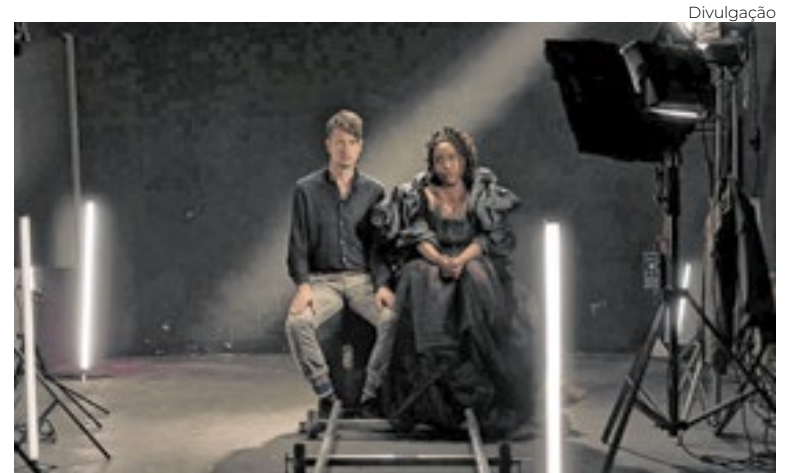
A marca do Jaguar

A 50ª Mostra espalha-se por muitos espaços da maior metrópole do país, entre eles Cine Belas Artes (Sala Leon Cakoff), Cine Sato, Cine Satyros Bijou, Cine Segall – Museu Lasar Segall, Cine Tutu, Cinemateca Brasileira (salas Grande Otelo e Oscarito), Cinesala, Cine-Sesc, Cinesystem Belas Artes Frei Caneca (salas 1 a 5), Cultura Artística, Espaço Petrobras de Cinema (salas 1 a 3), IMS Paulista — onde a primeira sessão do dia é gratuita —, MIS, Reserva Cultural (salas 1 e 2) e Solar Fábio Prado, que recebe a Sala Petrobras na Mostra.

O circuito a valores populares inclui a Spcine Olido e a Sala Pau-

lo Emílio do Centro Cultural São Paulo (CCSP), enquanto Bulevar do Rádio, Cinusp, Itaú Cultural e Teatro Sérgio Cardoso recebem sessões gratuitas. A programação sem cobrança estende-se ainda pelo Circuito Spcine, chegando ao Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes e a diferentes unidades CEUs. A Sala São Paulo completa o mapa como palco de sessões especiais, incluindo a abertura da edição comemorativa.

Confira uma leva de títulos que hão de se tornar cults a partir de Essepê, com dicas da primeira das várias projeções de cada um em telas nacionais:



O Projeto

NA TERRA DE ARTO (“Le Pays d’Arto”), de Tamara Stepanyan (França/ Armênia): Lutos históricos assombram a saga de Céline, papel que Camille Cottin, uma das divas atuais do cinema europeu, destroça com sabor. Ela chega em terreno armênio para legalizar a morte de seu marido Arto, mas descobre que ele mentiu para todos: forjou uma identidade para si, num conflito armado da década de 1990 e é considerado um desertor. Onde e quando: Espaço Petrobras – Sala 2, no domingo, 16h;

O PROJETO, de Sabrina Fidalgo e Yvan Rodic (Brasil): Qual lava

vulcânica, o debate gerado pela realizadora de “Alfazema” (2019) e seu parceiro, o fotógrafo chamado Face Hunter, faz arder as temperaturas de qualquer tela onde é exibido ao expor os ranços coloniais escravocratas... e não só os do Brasil. É um road .doc no qual Sabrina escuta, registra e inflama. Onde e quando: Espaço Petrobras, Sala 2, no próximo dia 22, às 21h10;

ADMIRÁVEL NOVO AMOR (“Fagre Nye Kærlighed”), de Maria Bäck (Dinamarca): Duas estrelas da Noruega, Kathrine Thorborg Johansen e Anders Danielsen Lie, esbanjam talento neste

Pan Cinema - Visan

Divulgação

Divulgação

delicado estudo sobre a fronteira entre desejo, responsabilidade e culpa. Na trama, a hipnoterapeuta Kate (Kathrine, em sublime atuação) mora com seu marido, Orla, e sua filha, Athena, ao mesmo tempo em que mantém um relacionamento profundamente romântico - e altamente secreto - com Andreas (o papel de Anders). Como modelo para sua filha, ela se esforça para manter a vida equilibrada, em meio a pesquisas rituais que envolvem a mitologia grega e uma gravidez não esperada. Dos títulos em disputa no último Festival de Locarno, esse foi um dos maduros no âmbito da montagem. Onde e quando: Cinesystem Belas Artes Frei Caneca 2, nesta sexta, às 13h15;

A AVENTURA SONHADA (“Das Geträumte Abenteuer”), de Valeska Grisebach (Alemanha, Bulgária): Este eletrizante thriller da realizadora de “Western” (2017) ganhou o Prêmio do Júri de Cannes por sua forma de pulverizar a tensão em pequenas situações do sai a dia. A arena da trama é Svilengrad, uma pequena cidade na fronteira da Bulgária, onde Veska cruza o caminho de Saïd, um velho conhecido que teve o carro roubado. Disposta a ajudar, ela o leva até o sítio arqueológico onde trabalha. Com a reaproximação dos dois, Veska acaba envolvida pelo submundo obscuro de onde Saïd emergiu e logo passa a investigar as redes criminosas ocultas sob a superfície dessa cidade aparentemente pacata nos confins da Europa. Onde e quando: Espaço Petrobras Sala 2, nesta sexta, às 15h40;

OS DIAS LIVRES (“Los Días Libres”), de Lucila Mariani (Argentina/ Brasil): Victoria Pereda é a diretora de fotografia desta coprodução entre tierras hermanas e vem sendo elogiada por seu esmero nos enquadramentos. Sua atmosfera é a de um futuro próximo. Num amanhã que não tarda a chegar, durante suas férias de verão intermináveis, com um eclipse solar a se aproximar, Bego, de 12 anos, luta para encontrar o seu lugar na família e entre as meninas de sua idade. À medida que a lua parece eclipsar os animais e as pessoas à sua volta, ela conhece REN__, um amigo online, que a inicia no shifting, uma prática em que os adolescentes acreditam que podem entrar noutras realidades através de sonhos lúcidos. Onde e quando: Cinesystem Belas Artes Frei Caneca 1, neste domingo, às 18:50;

A VIDA E AS MORTES DE WILSON SHEDD (“The Life and Deaths of Wilson Shedd”), de Tim Blake Nelson (EUA): Amanda Seyfried vive um momento de reinvenção profissional desde sua indicação ao Oscar por “Mank”, em 2021. Seu desempenho neste drama dirigido por um dos astros de “E Ai, Meu Irmão, Cadê Você?” (2000) é avassalador e contagiou



Dao



Admirável Novo Amor



A Aventura Sonhada



Onde Repousar Meus Olhos



Neste Quarto

o TIFF, o Festival de Toronto. Ela vive uma professora destrocada por um casamento abusivo que aceita como emprego dar aulas de escrita criativa em uma prisão de segurança máxima. Quando começa a se apaixonar por um carismático detento, o tal Wilson (Scoot McNairy), as consequências colocam em questão não só a natureza da punição e da justiça, mas seus próprios limites morais. Onde e quando: Cinesystem Belas Artes Frei Caneca 1, no próximo dia 19, 15h.

A PAIXÃO SEGUNDO G.H.B., de Gustavo Vinagre e Vinícius Couto (Brasil): Neste delicado tra-

tado sobre o limite entre o desejo e o benquerer, um encontro casual se transforma em um ménage à trois; o ménage à trois se transforma em uma orgia. Nesta odisséia gay de realismo mágico no quarto, Matias relembra encontros passados e reflete sobre seu futuro, enquanto conversa com uma figura fictícia da literatura brasileira. Onde e quando: Espaço Petrobras Sala2, no próximo dia 24, às 21h15;

NESTE QUARTO, de Ana Rocha de Sousa (Portugal): Uma ode ao fado na escuta de uma de suas vozes mais lúdicas: Carminho. Neste poema documental, a direto-



As Mortes de Wilson Sheed

ra de “Listen” (2020) acompanha a artista portuguesa em uma turnê pelo país. Entre concertos, bastidores, quartos de hotel, táxis, silêncios e sussurros, o filme entrelaça o universo fadista com a paisagem do Japão, numa interseção cultural. Onde e quando: Solar Sala Petrobras, neste sábado, às 18h;

A MARCA DO JAGUAR - O DESPERTAR DO FOGO, de Victor Mayorga (México/ Brasil): Há um trabalho meticuloso de cabeças pensantes brasileiras, como Priscila Miranda do Rosário e Ducca Rios) nesta animação sobre Xilacatzin, um jovem guerreiro de Tlatelolco

que carrega a misteriosa e amaldiçoada Marca do Jaguar. Ele é acusado injustamente pela deusa Itzpapalotl de roubar ossos sagrados. Para salvar seu povo antes que a escuridão devore o Sol, ele precisa descer a Mictlán, o submundo, ao lado de seus aliados, para recuperar a relíquia. Onde e quando: Espaço Petrobras de Cinema Sala 1, neste domingo, às 19h.

ONDE REPOUSAR MEUS OLHOS (“Nun Dul Dega Eomne”), de Hong Sang-soo (Coreia do Sul): O Festival de Locarno encheu de láureas o novo exercício autoral do diretor mais prolífico do planeta: Melhor Direção, Melhor Interpretação (para Kim Min-hee) e Prêmio do Júri Ecumênico – tudo isso agora em agosto. Na trama, Sanghee visita a mãe, na Ilha de Jeju, onde essa tem um restaurante de sucesso. Dez anos se passaram desde a última visita. O padrao de Sanghee está realizando um filme sobre um “túmulo de grama”. A filha dele acabou de começar a pintar. Fatos até então desconhecidos, conselhos desnecessários e elogios vazios circulam entre eles. Onde e quando: Cultura Artística, no próximo dia 21, às 13h45;

DAO, de Alain Gomis (Guiné-Bissau/ Senegal): Exercício estético-espectral do diretor franco-senegalês aclamado na Berlinale de 2017 com “Félicité”, que lhe deu então o Grande Prêmio do Júri. O cineasta alumbra nosso olhar com um trabalho de pesquisa que passa pela antropologia e pela dramaturgia, com eflúvios dos orixás, ao falar de um encontro de amigos e parentes de uma família num casamento e numa despedida. É gira pura. Onde e quando: Cine Satyros Bijou, neste domingo, às 15h;

A CONDESSA SANGRENTA (“Die Blutgräfin”), de Ulrike Ottinger (Áustria): Um trinômio do Capeta – o guarda-roupa concebido por Jorge Jara, a maquiagem exuberante de Tünde Kiss-Benke e um design de produção, assinado por Christina Schaffer, que remete para uma casa de bonecas – pavimentam o engenho simultaneamente excêntrico e belo deste terrir que inquieta sob o prisma político. Ao fim da I Guerra, F. W. Murnau filmou vampiros (no caso, o “Nosferatu” de 1922) a fim de alertar para um ovo de serpente que os povos germânicos chocavam. Agora, a octogenária diretora de “Joana D’Arc da Mongólia” (1989) apela para uma aristocrata vampira para alardear seu medo diante do avanço da extrema direita alemã. O resgate da condessa assassina Erzsébet Báthory (1560-1614) é crucial para esta mistura de teatro cabaré com “A Hora do Espanto”, tendo Isabelle Huppert de caninos afiados e Lars Eidinger de psicanalista. Onde e quando: Cinesystem Belas Artes Frei Caneca 1, no próximo dia 19, às 21h.

CRÍTICA FILME | UMA MISSA PARA DOM ANGÉLICO

POR RODRIGO FONSECA

Respeitoso perante a História, sem se ajoelhar diante dela numa reverência que a transforme em fóssil, “Uma Missa Para Dom Angélico”, de Emília Silveira, conquistou o troféu Olhar Brasil de Melhor Documentário por múltiplas destrezas no modo de narrar o que Presente é a partir de pretéritos imperfeitos de nossa nação, nos extremos do século XX.

Apresentado na abertura da competição documental da Première Brasil, no Festival do Rio, o filme cartografa a coragem daqueles que desafiaram um regime castrador e reafirma a vitalidade de um cinema capaz de revisitar o passado sem perder de vista as urgências do presente.

É um trabalho de grande rigor formal, sustentado por uma das montagens mais maduras que o documentário brasileiro de vocação histórica e biográfica produziu nos últimos anos. Há nele ecos do neorealismo de Roberto Rossellini e de “O Evangelho Segundo São Mateus” (1964), de Pier Paolo Pasolini.

Realizadora de “Setenta” (2013) e “Callado” (2017),

Fé que faz pensar... e lutar



Emília acompanha a trajetória de Dom Angélico Sândalo Bernardino, de uma infância pobre à transformação no chamado “bispo dos oprimidos”, figura que encontrou na Igreja um território de mobilização social. Defensor do direito à moradia e de melhores condições de vida para os trabalhadores, presença ativa em manifestações populares, perseguido durante a ditadura militar e ligado ao jornal comunitário Grita Povo, Dom Angélico morreu aos 92 anos, depois de uma vida atravessada pela crença simultânea em Deus, na democracia e na possibilidade de transformação social.

Mas “Uma Missa Para Dom Angélico” está longe da hagiografia. A contribuição de Mayra



Dom Angélico viveu 92 anos acreditando ser possível unir fé em Deus e política por um mundo melhor

Almeida para o roteiro e a montagem assinada por Vinicius Nascimento e Pablo French afastam o

filme da ilustração convencional dos documentos históricos. Imagens de arquivo, orações, música,

discursos e registros da violência política encontram uma organização quase litúrgica, na qual a forma não serve apenas para organizar a memória, mas também para lhe conferir pulsação e sentido. A missa deixa de ser somente o assunto do documentário para se tornar sua própria estrutura narrativa.

A aproximação entre cristianismo, pobreza e resistência evoca Rossellini e Pasolini, mas Emília não esconde sua relação com a cinefilia. Ao contrário: reconhece que não consegue trabalhar sem referências cinematográficas. Em “Uma Missa Para Dom Angélico”, essa herança não funciona como ornamento, mas como ferramenta para pensar a fé, a desigualdade e a resistência política.

O resultado é um retrato que ultrapassa a dimensão biográfica para interrogar o papel da Igreja enquanto instituição de poder e espaço de acolhimento, assim como a capacidade humana de enfrentar a opressão. A montagem, decisiva para a construção desse percurso, acabou por determinar até o título do filme.

PARABÉNS AOS PREMIADOS. MAS QUEM VENCEU MESMO FOI O AUDIOVISUAL NACIONAL.

NASCEU O PRÊMIO OLHAR BRASIL, DO CORREIO DA MANHÃ: UMA ESTATUETA, UM JÚRI DE JORNALISTAS E UM OLHAR DEDICADO AOS FILMES QUE LEVAM A PLURALIDADE DE UM PAÍS QUE É MUITOS BRASIS. CONHEÇA OS VENCEDORES:



Realização:

Correio da Manhã

www.correiodamanha.com.br / @correiodamanhabr / @colunamagnavita

ABRE-ALAS DO CORREIO

BEIJA-FLOR

A pajelança incorporada que vem de Marajó

Escola de Nilópolis levará para a avenida vida da autora do livro que inspirou o enredo campeão de 1989

FRED SOARES

Especial para o Correio da Manhã

Vinte e nove anos depois de um livro lhe render o título de 1998, a escola de Nilópolis faz da autora o enredo: Zeneida Lima, a última pajé marajoara. O mundo dá voltas. Em 1998, Zeneida Lima saiu do Marajó, bateu na quadra de Nilópolis e deixou na Beija-Flor um título. Agora é a escola quem retribui: foi a Soure dar a notícia à própria autora, que aos 92 anos deixa de ser fonte para ser tema e pretende estar na Avenida.

A azul e branco será a segunda a desfilar no domingo, 7 de fevereiro, com “Zeneida: O Sopro do Pó de Louro”. Do povo Sakaka, neta de pajé, Zeneida herdou do avô o entendimento das coisas da terra e levou tempo até se assentar pajé. Depois do desfile de 1998, em que a Beija-Flor dividiu o título com a Mangueira, fez da floresta a sua causa e abriu em Soure, na costa leste do Marajó, em parceria com Rachel de Queiroz, a Instituição Caruanas do Marajó Cultura e Ecologia, hoje frequentada por cerca de 180 crianças e adolescentes.

Poeta, compositora, escritora, ambientalista: a mesma mulher cabe em todos esses nomes. A sinopse, lida em maio na quadra, numa noite de roda de carimbó, vem em primeira pessoa, como se a própria pajé tomasse a palavra. Começa pelo beija-flor que a leva a conhecer o seu ninho e abre um portal para o mundo dos Caruanas, morada dos seres encantados que, segundo ela, a guiam. O carnavalesco João Vitor Araújo, no quarto carnaval seguido à frente da escola, avisa que não é reedição de 1998. Quer a vida dela inteira na Avenida, da iniciação e da pajelança à educadora de hoje, com pesquisa de Bruno Laurato, Guilherme Niegro e Vivian Pereira. Dela é a frase que dá a medida do enredo: “Esse enredo não é meu, é do nosso Pará, da nossa Ilha do Marajó, da Amazônia e se todos os índios”.

A Beija-Flor chega com 15 títulos e a memória de um décimo de diferença. Em 2026, o “Bembé” tirou nota máxima na maioria



Imagem do desfile da Beija-Flor no Desfile das Campeãs de 2026

dos quesitos e perdeu para a Viradouro por 0,1: 269,9 a 270; o décimo que escapou estava em Alegorias e Adereços. Foram cinco carnavais, cinco colocações diversas: o vice de 2022, o quarto lugar de 2023, o oitavo de 2024, o título de 2025, com 270 pontos e uma homenagem a Laíla, e o vice por um fio de 2026.

O carro de som já é outro. Em 2026, a escola desfilou pela primeira vez em cinquenta anos sem Neguinho da Beija-Flor como intérprete principal: ele se despediu do microfone no título de 2025 e passou a baluarte. Quem herdou o posto saiu de um reality, “A Voz do Carnaval”: Nino do Milênio, que cantou na escola de 2012 a 2017 e voltou em 2025, e Jéssica Martin, que chegou à quadra aos 10 anos, foi a revelação. Seguem Claudinho e Selminha Sorriso, o casal que Laíla pôs logo atrás da comissão de frente em 2002,

ideia que as outras escolas acabaram copiando. A bateria é dos mestres Rodney e Plínio, Lorena Raissa é a rainha, Jorge Teixeira e Saulo Finelon assinam a comissão de frente e Almir Reis preside a escola desde 2021.

O samba nasceu na madrugada de 11 de setembro, de uma final com quatro parcerias, entre inscritos de Nilópolis e do Pará. Venceram Marquinhos Beija-Flor, Claudio Russo, Chacal do Sax, Rômulo Massaccesi, Júlio Alves e Léo Freire, com versos sobre o ativismo de Zeneida pelo Marajó. Num vídeo exibido antes do anúncio, a homenagem disse ter certeza de que escolheriam o melhor.

Da primeira vez, a Beija-Flor levou um livro à Sapucaí; agora leva a dona dele. E quem perdeu um título por um décimo sabe quanto pode pesar um sopro. Que desta vez, seja um sopro de louro.

SÉRIE ESPECIAL DOS ENREDOS DE 2027



FICHA TÉCNICA

ESCOLA: Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis
FUNDAÇÃO: 25 de dezembro de 1948
CORES: azul e branco
PRESIDENTE: Almir Reis
PRESIDENTE DE HONRA: Anísio Abraão David
ENREDO: Zeneida: O Sopro do Pó de Louro
DESFILE: domingo, 7 de fevereiro de 2027 (2ª escola a entrar)
CARNAVALESCO: João Vitor Araújo
PESQUISA: Bruno Laurato, Guilherme Niegro e Vivian Pereira
DIRETOR DE CARNAVAL: Marquinho Marino
INTÉRPRETES: Nino do Milênio e Jéssica Martin
MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA: Claudinho e Selminha Sorriso
BATERIA: Mestres Rodney e Plínio
RAINHA DE BATERIA: Lorena Raissa
COMISSÃO DE FRENTE: Jorge Teixeira e Saulo Finelon
TÍTULOS NO GRUPO ESPECIAL: 15

SAMBA-ENREDO

COMPOSITORES: Marquinhos Beija-Flor, Claudio Russo, Chacal do Sax, Rômulo Massaccesi, Júlio Alves e Léo Freire

Voltei guiada pelo vento
Trago cada elemento que da natureza emana
Auí fez de mim seu instrumento
Sob a Lua o encantamento da magia
Caruana do girador, princípio e criação
Eu pajerama então, Anhangá foi flechar
Dezessete dias amarrada no cipó
Sou filha das águas, floresci em minha fé
Foi o meu chamado, mas eu não estava só
A mata me assentou pajé

É de pena e maracá
É de pena e maracá
Eu sou cabocla com herança africana
Mestre Mundico me ensinou a dar o nó em caruá
Eu tenho a alma nilopolitana

Eis-me aqui
O tronco forte que nasceu marupá
Raiz do Norte, sem jamais se curvar
Que Mãe Nazinha abençoou
Quem desvelou a missão dos ancestrais
E construiu, enraizou o fundamento que liberta o Brasil
Vem no balanço do Siriá
Marujada e Carimbó
Quem ensina é Aguaguara
No curumim vi o futuro no olhar
A Baixada a invocar a força Marajoara

Do povo eu sou, Muiraquitã
Pajé Zeneida, soberana, campeã

(Incorpora)

Ê! Incorpora, caboclo!
Incorpora, caboclo!
Quero ver incorporar!
Do ventre do meu Pará, o pó de louro soprou
Comunidade, Caruana Beija-Flor

SÓ CARIOQUICES

por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

Procura-se bancas de revista no Rio

Tenho 52 anos na cara, eu sei. Mas confesso: até hoje eu adoro ler um gibi. Zé Carioca e Cebolinha disputam, palmo a palmo, o primeiro lugar no ranking do meu coração. Afinal, são dois malandros, cada um a seu estilo.

Em meio a tanto livro e tanta coisa importante que eu preciso ler, profissional e pessoalmente, sobra pouco tempo para matar essa saudade da infância. Mas de vez em quando eu arrumo um tempinho. E foi assim que, dia desses, desci para comprar um gibi do meu malandro predileto, o Zé Carioca.

Mas a missão virou expedição. Entrei na primeira banca: nada. Na segunda: nada. Na terceira, outra porta fechada na cara. Só na quarta encontrei a revista. Quatro bancas, uma hora de caminhada pra, enfim, ter o gibi na mão. Vitória com cara de prêmio.

E aí veio a reflexão. Tá cada vez mais difícil encontrar revista numa banca de... REVISTA!

Você encontra de tudo: doce, bala, chocolate, cigarro, charuto, e tem banca que vende até remédio. Jornal e revista de verdade, daqueles para ler com calma, viraram artigo raro. A resposta não é difícil de imaginar. Nesse mundo do delivery e da tela do celular, tudo chega na nossa frente sem a gente sair de casa. Ninguém mais compra jornal ou revista. Lê-se na tela, e pronto.

Talvez tenha ficado economicamente inviável manter uma banca nos moldes de antigamente, e os donos precisaram se reinventar, cada um do seu jeito. No fim das contas, é uma tradição que vai se esvaindo, aos pouquinhos, do cenário carioca.

Quem viveu sabe. As bancas antigas exibiam revistas e jornais de forma exagerada, e sempre havia uma pequena multidão nas laterais, espiando as manchetes. No dia seguinte a um grande jogo, então, nem se fala. Me lembro bem quando era moleque, de ir para o Anglo-



Banca de Jornal da Av. Nossa Senhora de Copacabana com Bolívar nos anos 1960

A banca carioca
tem raízes
antigas, cheias
de imigrantes,
sobretudo
italianos, que
tocavam bancas
no centro da
cidade

-Americano pegar o primeiro tempo às 7h20 da manhã, mas antes dava uma paradinha na banca para comprar o Jornal dos Sports pra saber as notícias do meu Flamengo.

Às vezes, perdia até a hora batendo papo com o jornaleiro, que invariavelmente acabava virando um amigo. Isso foi até uns 35 anos. Historicamente, não faz tanto tempo assim.

A banca carioca tem raízes antigas, cheias de imigrantes, sobretudo italianos, que tocavam bancas no centro da cidade, principalmente onde hoje fica a Avenida Rio Branco. Dizem até que o próprio nome, “banca”, vem de um desses italianos, e eu adoro essa versão: Carmine Labanca, o italiano que inventou o primeiro ponto fixo de venda de jornais e revistas na cidade, em 1860.

E a regularização oficial das bancas pela prefeitura já tem quase um século. É de 1928. Ou seja, a banca faz parte da vida, do ambiente e da paisagem do Rio. Tanto que é patrimônio cultural e imaterial do estado.

Será que o município deveria incentivar que essa tradição se mantivesse? Ou a gente bota a cabeça no travesseiro, relaxa e aceita que algumas coisas não voltam mais?

Assim funciona a história, assim funciona a vida. As coisas vêm e vão. Alguns abnegados fazem força para manter viva uma tradição, mas tem hora que não dá.

Para quem não viveu, não há referência. Para quem viveu, fica uma saudade danada. E eu me pergunto: até quando eu vou poder ler o meu gibi do Zé Carioca?